



**5.10. Memórias
de um tempo difícil:
Filhos de Montepó,
de António Mota⁴⁸**

Ana Margarida Ramos
(Universidade de Aveiro)

José António Gomes
(ESE-Instituto Politécnico de Porto)

Sara Reis da Silva
(Universidade do Minho)

Resumo: O penúltimo romance juvenil de António Mota, *Filhos de Montepó* (2003), regressando ao cenário rural de livros anteriores e mantendo-se no registo discursivo a que essas mesmas obras nos habituaram, trabalha sobre tópicos como o crescimento e a autonomia do jovem adolescente, a busca de modelos de identificação positivos e a rejeição do modelo paterno, a que se contrapõe uma maior aproximação afetiva à figura materna e a tentativa de escapar ao isolamento de um meio rural atrasado. Aprofunda, por outro lado, o retrato crítico do país político, social e cultural de inícios da década

48. Alfragide: Gailivro, col. Livros de António Mota, 2003.

de sessenta do século XX, focalizado numa região isolada e pobre do norte de Portugal.

Palavras-chave: afetos, António Mota, comunidade rural, família, identidade pessoal, Literatura juvenil.

Abstract: *Filhos de Montepó* (2003), António Mota's penultimate novel for young readers, returns to the rural setting of his previous books and retains the type of discourse to which these works have accustomed us. Topics of special interest include the process of growing up and becoming independent during adolescence, the search for positive role models and the rejection of the fatherly model, which is counteracted by a tighter affective bond with the motherly figure and by the attempt to escape the isolation of a backward rural milieu. On the other hand, the book also engages in a deeper critical representation of political, social and cultural issues at the beginning of the 1960s, by focusing on an isolated and poor region from the north of Portugal.

Keywords: affection, António Mota, family, personal identity, rural community, Youth Literature.

Estreado em livro, em 1979, com *A Aldeia das Flores*⁴⁹, António Mota dava a conhecer, logo nessa obra inaugural, o que viria a ser

49. Conto ilustrado por Luísa Brandão e publicado numa histórica coleção de livros infantis, "ASA juvenil", de Edições ASA, criada e dirigida, à época, pela escritora Ilse Losa. Escritora alemã, judia, fugida à Gestapo, Ilse Losa fixou-se em Portugal em 1934, tendo sido mais tarde uma das vozes mais reconhecidas da literatura portuguesa para a infância, já que optou por escrever exclusivamente em português. Nascida em 1913, em Melle-Buer, Osnabrück, Baixa-Saxónia, morreu no Porto, em 2006. Em intervenções públicas e conversas, António Mota evoca, com frequência, a relação com a autora de *O Mundo em que Vivi e Faísca Conta a Sua História* (que foi, em Portugal, uma das primeiras professoras e divulgadoras de Literatura Infantil) e, sobretudo, o estímulo das palavras desta escritora, no início da sua carreira literária.

o cenário preferencial das suas histórias. Em muitas das obras que publicou, o espaço ficcional tem, na sua génese, um espaço real, as terras do concelho de Baião – onde o Autor nasceu, em 1957, e onde exerceu a profissão docente. Trata-se de uma zona montanhosa em região atravessada pelo rio Douro e aí se cultivam as vinhas a partir das quais se produz o vinho do Porto. Sendo, ainda hoje, o concelho mais pobre e atualmente mais desertificado do distrito do Porto (o mais distante, também, da capital de distrito), nele coexistem o minifúndio e as grandes propriedades de produção vinícola, situadas nos admiráveis socalcos que descem para o Douro. Igualmente comum é o sistema de arrendamento de terras por parte de pequenos lavradores – os rendeiros ou caseiros – que as cultivam entregando boa parte da produção aos arrendatários, e garantindo, por outro lado, a subsistência dos núcleos familiares, em condições relativamente precárias. Pertence a esta camada social a família de Abílio, o jovem protagonista e narrador autodiegético da obra *Filhos de Montepó* (Vila Nova de Gaia: Gailivro, 2003), objeto do presente comentário.

Para começar, diga-se que este romance vem culminar um percurso literário de mais de três décadas, que abrange a narrativa juvenil, mas também o conto para a infância, com títulos como *As Andanças do Senhor Fortes*, Afrontamento, 1980; *O Grilo Verde*, Horizonte, 1984; *O Rebanho Perdeu as Asas*, Vega, 1987; *Abada de Histórias*, Desabrochar, 1989; *Jaleco*, Desabrochar, 1991; *Segredos*, Desabrochar, 1996; *O Sonho de Mariana*, Gailivro, 2003 (primeiro de uma série de vários títulos); *Maria Pandorca*, Gailivro, 2004; *O Lambão*, *O Teimoso e o Sr. Veloso*, Gailivro, 2004, entre outros. Uma escrita que se reparte ainda pelas adaptações de contos populares tradicionais e de clássicos da literatura, pela poesia para crianças (*Sal, Sapo, Sardinha*, Caminho, 1996; *Se Tu Visses o que Eu Vi*, Gailivro, 2002) e ainda por textos para livros em formato de álbum, destinados a pré-leitores e leitores iniciais (casos de *Se Eu Fosse Muito Alto* (Gailivro, 1999; 3.^a ed., com ilustrações de André Letria, 2005), *Se Eu Fosse Muito Magrinho* (Gailivro, 2003, ilustrações de André Letria)

e outros títulos). Tendo começado a lecionar muito jovem, António Mota foi professor do Ensino Básico (1.º ciclo) até à sua aposentação, o que o terá motivado a editar também numerosos manuais escolares e outros livros didáticos.

Sem aflorar uma ou outra incursão do Autor no fantástico e no alegórico – em contos para a infância –, ou a observação/recriação da natureza e dos animais que, tocada não raro pelo humor e aqui e além pelo *nonsense*, marca os seus livros de poesia, é de assinalar, na escrita de António Mota para jovens, um peculiar modo de recriação ficcional do espaço rural duriense e também de um tempo que, dependendo dos livros, situa em geral o leitor num período compreendido entre os anos sessenta e finais da década de noventa do século XX, muito embora, em alguns textos, e sobretudo pela voz de personagens idosas, se encontrem referências a tempos anteriores. Tudo parece emergir de uma infância e juventude vividas em condições de carência económica – que o Autor evoca por vezes em testemunhos públicos –, mas que se foram nutrindo de uma ligação estreita com a natureza, com a faina agrícola ou a pastorícia. Em geral, tais vivências são recriadas textualmente em registo cru e por vezes dorido (permeável contudo ao humor), o que, a somar à linguagem utilizada, lhes confere um cunho de autenticidade que surpreende sobretudo o leitor urbano, e que nada tem que ver com qualquer visão folclórica ou idílica da vida rural. De salientar o modo direto e pouco eufemístico como é descrito, por vezes, o quotidiano e como se resgatam do esquecimento as falas da gente do campo, aludindo-se, ainda, à convivência entre homens e animais. Artífices, sacristães, camponeses, vendedores ambulantes, mulheres sabidas, “bruxas” profissionais, artistas de circos pobres, mestres-escola, idosos carregados de memória, rapazio pobre, vagabundos e outros marginais das comunidades aldeãs: toda esta galeria de personagens que dão corpo aos contos e romances de António Mota, e que por vezes parecem saídas de um passado já longínquo, como que lhe permitem restituir voz à gente anónima e esquecida que as terá inspirado, e selar, com uma nota realista de humanidade, quase to-

dos os seus livros. Estes constituem, por isso, um *corpus* singular na literatura portuguesa para a infância e a juventude das duas últimas décadas do século XX e da atualidade.

Outros aspetos temáticos a salientar nos romances do Autor dirigidos ao público juvenil – com os quais tem obtido algumas distinções públicas⁵⁰ – prendem-se com a progressiva desertificação do interior rural (traço que marca a realidade portuguesa nas últimas décadas), quer em resultado da migração do campo para a cidade (veja-se *O Rapaz de Louredo*, Areal, 1983) quer por efeito da emigração (sobretudo para França). Também a difícil condição dos idosos dos meios campestres, entregues por vezes a uma solidão dolorosa ou sofrendo a inadaptação às instituições de acolhimento da terceira idade, está presente em certas obras (veja-se *A Casa das Bengalas*, editado pela primeira vez pela Edinter, em 1995); e sobressaem ainda, em quase todas elas, as revelações e agruras do crescimento e da socialização – dos heróis pré-adolescentes ou adolescentes, geralmente do sexo masculino –, não raro confrontados com o isolamento geográfico e, quase sempre, com as dificuldades económicas. De referir ainda certos livros em que se analisa a condição feminina em diferentes gerações e se aborda a entrada precoce no mundo do trabalho, como sucede em *Cortei as Tranças* (Edinter, 1990).

Em suma, pelos trilhos temáticos que percorre, mas também pelos meios em que, geralmente, se movem as suas personagens, António Mota tem sido encarado, por vezes, como um herdeiro *sui generis* de uma certa tradição de cunho neorrealista, sem no entanto

50. *O Rapaz de Louredo* (Areal, 1983) foi distinguido com um prémio da Associação Portuguesa de Escritores. Em 1990, o Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens foi atribuído ao romance *Pedro Alecrim* (Edinter, 1988). *A Casa das Bengalas* (Edinter 1995) recebeu, em 1996, o Prémio António Botto de Literatura Infantil e Juvenil da Câmara Municipal de Abrantes. Estas distinções, incidindo em romances juvenis do Autor, atestam o seu reconhecimento como escritor de ficção para pré-adolescentes e adolescentes. De referir ainda que, em 2004, António Mota ganhou, juntamente com o ilustrador André Letria, o Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens, na modalidade de livro ilustrado, pela obra para a infância *Se Eu Fosse muito Magrinho*.

partilhar com ela o essencial da dimensão ideológica que, em Portugal, a enformava, entre finais dos anos trinta e a década de sessenta do século XX.

Dedicado a sua mulher e a dois amigos, mas em geral sóbrio no plano paratextual, sem epígrafes nem ilustrações⁵¹ e apenas com uma pequena vinheta na capa representando uma coruja – animal cujo piar arrepiava Abílio e o irmão mais novo, António, sempre que, na história, as cenas noturnas geram inquietação e medo –, o livro anuncia, logo desde o título, o espaço da ação (a aldeia pobre do interior rural onde tudo se passa). O termo “filhos” remete cifradamente para algumas das personagens principais – o narrador-protagonista e os seus irmãos –, mas também para o conjunto dos habitantes da aldeia (v. p. 107). A presença do topónimo neste título temático parece indiciar a vontade de conduzir o leitor ao cerne do romance, ou seja, a um conjunto de experiências de vida que só podem ser entendidas em contexto. Os “filhos” de Montepó são, portanto, os filhos não apenas de um espaço físico, mas também de um contexto sociocultural, de uma comunidade e de um lugar marcados pela historicidade: a de uma região e de um país sob a vigência de um sistema ditatorial (o salazarismo no seu estertor). Ou seja, um regime que mantém a sociedade portuguesa presa a uma guerra colonial política e moralmente injustificável – em Angola, Moçambique e Guiné, para onde são mobilizados milhares de jovens a fim de combater os movimentos de libertação africanos. E tudo isto num quadro político nacional de denegação da liberdade, da democracia e do pluralismo e, acima de tudo, num cenário de atraso económico e cultural, refletido em vidas sem perspectivas, em especial nos meios

51. Mas com um texto de contracapa (acompanhado de uma nota biobibliográfica sobre António Mota), em que a obra é apresentada ao público leitor em termos bastante esclarecedores, muito provavelmente da lavra do próprio Escritor: “Em Montepó, terra de um Portugal remoto e esquecido, vive Abílio, um rapaz que, como todos os da sua idade, está a acordar para o mundo, para a vida, para o primeiro amor... Calejado pelas agruras de uma vida difícil vai aprendendo à sombra de deceções e mínguas; mas vai, também, crescendo, acalentado pela magia das histórias e dos sonhos que lhe dão ânsias de fugir em busca de outros destinos.”

mais isolados do interior, aonde não chegam estradas capazes, muito menos a energia elétrica ou a água canalizada – caso de Montepó, nos anos sessenta –, e em que a única saída parece ser a migração interna ou mesmo a emigração. Esta será aliás a alternativa de vida para Miguel, o pai de Abílio, no livro de António Mota que, cinco anos depois, prolonga a história do romance aqui em análise e que com ele forma uma sequência romanesca em dois volumes: *Ninguém Perguntou por Mim* (Mota, 2008).

Dos traços essenciais deste contexto sócio-histórico nos vai dando conta o narrador, em referências muito concretas ou em breves alusões, sem passar ao lado seja do atraso económico e cultural, seja da Guerra Colonial, seja ainda de uma militância oposicionista por parte de uma das personagens – o tio de Abílio, e seu padrinho – contra um regime político opressivo.

Filhos de Montepó estrutura-se, no fundamental, em torno de um final de dia e de uma noite na vida do jovem adolescente de treze anos que é Abílio – nascido a 1 de Agosto de 1952 (p. 162) –, no ano de 1965. Dia especial, por ser o do nascimento, surpreendente e algo traumático, dos seus dois irmãos gémeos, sem que aparentemente nem o narrador-protagonista nem os irmãos mais novos, António e Rosa, se tenham apercebido da gravidez da mãe – ou, pelo menos, sem que disso nos dê conta o narrador antes do vigésimo sétimo capítulo (o primeiro dos cinco que constituem o segmento terminal da narrativa). Sendo o tempo da enunciação muito posterior ao da diegese⁵², a maioria dos episódios narrados ao longo do romance constituem evocações de tipo analéptico produzidas pelo narrador-protagonista no momento da narração, adotando-se o tom de um registo íntimo e deambulatorio de memórias. Mas, anteriores todos eles à noite em que tem lugar o acontecimento central – o nascimento dos gémeos –, tais episódios emergem dessa distendida narração, a qual é por isso pontuada por constantes derivas, mas centrada naqu-

52. Veja-se a seguinte passagem: “Quando ocorreu o que agora conto, tinha treze anos muito espigados e já não me considerava uma criança” (p. 11).

lo que constitui um ponto de viragem no percurso do protagonista e da família, como se confirma lendo a continuação dessas vidas no romance seguinte, o já citado *Ninguém Perguntou por Mim*. Tais episódios, se por um lado, esboçam o quadro socioeconómico e histórico em que se move Abílio, por outro, fundamentam a sua ação individual enquanto personagem, o seu estado emotivo (traduzido num registo dorido), as suas reflexões sobre o núcleo familiar, bem como o seu desejo de partida e de mudança de vida.

Os dois eventos que balizam esse discurso evocativo – dando forma, *a posteriori*, ao espraiado tempo psicológico de Abílio – são, por um lado, a chegada de uma família de ciganos à aldeia de Montepó, nas primeiras horas de uma fria noite de novembro; e, por outro, quase no final, o parto da mãe do herói, com o auxílio da mulher cigana, num moinho, e em local afastado da aldeia – que Abílio alcança aos tropeções, num misto de ansiedade e quase terror⁵³. Ambos os acontecimentos decorrem num clima de acentuada inquietação, pontuado pelo piar arrepiante da coruja. Já perto do termo do romance, tal clima adquire contornos quase fantasmagóricos. O ambiente psicológico carregado, que se vai adensando, é construído com mestria pelo narrador-personagem, tendo como origem a tensão provocada pelo facto de os três irmãos não descortinarem explicação quer para o atraso da mãe na chegada a casa quer para a ausência do pai nessa noite. Entregues a eles mesmos e ao desassossego noturno que vai tomando conta dos seus espíritos – os dois mais novos descritos como “assustadiços” pelo mais velho –, os três irmãos apenas experimentam um alívio de tensão, quando sucumbem ao sono (os mais novos) e, no caso de Abílio, quando encontra a mãe, na sequência do parto, já recolhida em casa da cunhada, tia Olinda. Este alívio é especialmente

53. O receio infundido pela chegada dos ciganos introduz o tópico da desconfiança em relação ao outro – leia-se: o diferente quer do ponto de vista étnico quer enquanto membro de um grupo socialmente marginalizado e nómada, associado pela *vox populi* à apropriação indevida de bens que não lhe pertencem. Um estereótipo desmontado, no entanto, criticamente e de modo positivo, pela circunstância de ser precisamente um membro desse grupo – a cigana – que presta auxílio solidário à mãe de Abílio no momento do parto.

verdadeiro no que toca a Abílio e permite colocar em evidência um dos veios temáticos do romance, já que o momento traumático, em que o rapaz se vê obrigado a revelar iniciativa, sangue-frio e até espírito de liderança em relação aos irmãos – ocupando assim, simbolicamente, o lugar do pai –, configura a descolagem da idade infantil e a entrada na adolescência ou, melhor ainda, numa precoce adultez. Por outro lado, a situação confronta-o, mais ainda, com uma imagem degradada da figura paterna que vai piorando ao longo da narrativa, por razões que se prendem com outro tópico fundamental do romance: a violência doméstica (neste caso, do pai) originada pelo alcoolismo. E será esta, sem dúvida, das primeiras narrativas a introduzir tal temática no panorama português da literatura para jovens.

A autonomia de Abílio desenha-se assim por oposição ao pai e a quase tudo o que este representa: além da cedência ao álcool e a um comportamento agressivo, a falta de iniciativa para mudar e melhorar a vida, acusação que é reiterada pela mãe (esteio familiar e figura de contorno moral e psicoafetivo marcado pela positividade ao longo de quase todo o romance). Por isso, quase no final do texto, e após uma cena concreta de violência sobre a mãe, descrita no capítulo 13⁵⁴, Abílio garante, dirigindo-se imaginariamente a Ana Teresa (filha do pequeno comerciante local, por quem Abílio nutre um sentimento amoroso nunca confessado neste romance): “Ana Teresa, minha paixão, juro pela minha mãe e por tudo o que há de bom neste mundo, que não hei de ser como o meu pai. Não, Ana Teresa, não serei como ele. Podes crer, Ana Teresa, que os nossos filhos, se os tivermos, não hão de ter vergonha do pai.” (p. 179).

A solidão crescente de Abílio radica, pois, num complexo de circunstâncias diversas: a incapacidade de confessar os seus sentimentos

54. O capítulo 13 começa de forma esclarecedora: “Alto, entroncado, com olhos azuis, um bigodinho aparado todos os sábados e mãos repletas de calos, quase sempre de rosto carregado, meu pai deixou de ser o meu grande herói num domingo à noite, estava minha mãe a tirar a sopa da panela. // Eu tinha onze anos quando isso aconteceu.” (p. 73) A este passo segue-se o relato de uma cena de violência doméstica.

em relação a Ana Teresa; o peso da responsabilidade pelos irmãos mais novos⁵⁵; o confronto com a negligência do pai num momento crucial da vida da mãe e da própria família (encontrá-lo-á, finalmente, em casa, a dormir sob a ressaca da embriaguez); e por fim o facto de, sendo o filho mais velho, sentir que a ternura da mãe se concentra, ainda que momentaneamente, nos dois gémeos acabados de nascer. Tal solidão – exacerbada pela sensação de viver num meio interior isolado – irá encontrando saída na identificação gradual do protagonista com o padrinho, tio Sebastião, ou seja, a figura familiar que desertara da aldeia aos quinze anos e fora conhecer mundo, fixando-se em Lisboa e acabando como operário esclarecido (é quem introduz Abílio no mundo dos livros, oferecendo-lhe *As Aventuras de Pinóquio*, de Collodi⁵⁶ e, já em *Ninguém Perguntou por Mim*, será ele também quem se dispõe a acolher o rapaz em Lisboa, arranjan-do-lhe trabalho como tipógrafo)⁵⁷. Irmão da mãe de Abílio, Sebastião representa, assim, a coragem da partida e a aventura, mas também a valorização da leitura e do conhecimento – tópicos centrais na con-

55. Leia-se o seguinte desabafo: “Sempre o disse e, passados estes anos todos, continuo a afirmar que não é péra doce ter o azar de ser o irmão mais velho. O irmão mais velho tem sempre muito mais responsabilidades e recebe muito menos mimos.” (p. 13).

56. Numa das cenas mais pungentes da obra, é relatada a destruição do livro – que Abílio não chegou a ler nunca – pelos irmãos mais novos, os quais, numa atitude algo inocente, resolvem arrancar-lhe todas as folhas para acender uma fogueira (capítulo 16, pp. 95-97), o que desencadeia a fúria e a revolta do protagonista.

57. Leia-se o início do capítulo 16: “O padrinho Sebastião, contava-nos minha mãe, era da família dos bichos do mato. Sempre teve o comportamento de um lobo solitário, duma raposa astuta, duma lebre esquiua. Não deixava que nada o prendesse a qualquer cadeado. // Sempre curioso e insatisfeito, Sebastião experimentara diversas profissões. (...) Frequentava bibliotecas públicas e devorava livros. // – É um regalo para os ouvidos ouvi-lo falar. Quando está a conversar, diz, sem querer, palavras que não entendo, mas que me parecem muito bonitas – dizia minha mãe embevecida com o irmão que ajudara a criar. (...) // No ano em que terminei a quarta classe, o meu padrinho deu-me um livro. Chamava-se Pinóquio. // – Se o leres, aprendes a sonhar! – disse-me ele com o seu sorriso cúmplice. (...) // Fiquei tão feliz. // Era o meu primeiro livro. // Era o primeiro livro de histórias que ia haver em minha casa. // Era a primeira vez que recebia uma prenda que não se comia, calçava ou vestia” (pp. 93-94).

figuração de uma futura saída positiva para a existência de Abílio, que, no final de *Ninguém Perguntou por Mim*, acabará mesmo por quebrar as cadeias que o prendem afetiva e socialmente a Montepó: a família e a pobreza⁵⁸, respetivamente.

A personagem secundária de Sebastião permite introduzir outro elemento de reconstituição do tempo histórico em que a ação decorre e, em simultâneo, um tópico inesperado, a luta antifascista e o encarceramento por motivos políticos, tema pouco habitual nos livros portugueses para adolescentes. No capítulo 17, narra-se a prisão de Sebastião pela PIDE (a sinistra polícia política do salazarismo), na sequência de uma fugaz visita a Montepó, já em situação de fuga à perseguição policial. A leitura de *Ninguém Perguntou por Mim* deixa pressupor a posterior libertação.

Os contornos disfóricos deste cenário histórico são completados por uma alusão a outro dos problemas políticos do país, antes do 25 de Abril de 1974, a realidade da Guerra Colonial em África, como que uma espada de Dâmocles que, nos anos sessenta, pendia desde cedo sobre a vida de quase todos os adolescentes e jovens adultos. Como afirma Abílio, noutra das recorrentes conversas imaginárias com a rapariga por quem está apaixonado, “Ana Teresa, quando te casares comigo, e eu não sei quando isso acontecerá, porque posso ir para a tropa e morrer em Angola, na Guiné ou em Moçambique, verás que eu não sou nada nada parecido com o meu pai” (p. 158)⁵⁹.

Solidão e amor (por Ana Teresa); contida revolta em relação ao pobre e isolado mundo em que ao protagonista é dado viver até à adolescência; embrião de uma consciência social e política que permite, em simultâneo, alargar horizontes de vida e relançar o sonho; e, finalmente, primeira identificação com um modelo de adulto, co-

58. Leia-se este passo do texto, logo no capítulo 7: “Doía-me nunca termos dinheiro para comprar o que mais desejávamos” (p. 41).

59. Registe-se, apenas de passagem, outro traço do regime ditatorial, desta feita ao nível do sistema escolar: a separação dos sexos na escola. Abílio refere esta realidade a p. 116; noutro passo, alude também ao recurso aos castigos corporais, comum à época, por parte do professor Arlindo.

rajos e aventureiro, nos antípodas da figura paterna (com o conseqüente descrédito moral desta última aos olhos do filho, face ao problema do alcoolismo e da violência doméstica) – estas as linhas principais que no romance se entrecruzam, tornando coesa a sua teia temática e ideológica.

O recurso explícito à intertextualidade heteroautoral com a literatura oral tradicional e com o fabulário permite ainda a António Mota adensar certos aspetos do romance, sublinhando a sua relevância em termos semânticos. É o que acontece com o desejo de Abílio de escapar à claustrofobia e pobreza de Montepó, através da alusão, no capítulo 15, ao famoso conto da tradição popular “A velha e a cabaça” (também conhecido por “Corre, corre, cabacinha”): “Como seria bom ter uma cabaça que nos levasse de Montepó para terras estranhas, cheias de mistérios!” (p. 85). Por outro lado, no capítulo 23, a recordação da conhecida fábula de Esopo “A Coruja e a Águia” (que diversos autores recontaram e que amiúde figurava em manuais escolares do Ensino Primário, no Estado Novo, para salientar a singularidade do amor materno) produz um efeito de intensificação da dor pela ausência da mãe, cuja busca Abílio empreende até finalmente a encontrar já perto do desfecho, refugiada no moinho em trabalho de parto (capítulo 27). Curiosamente, e de forma algo paradoxal (deixaremos de lado as implicações psicanalíticas da ambivalência afetiva aqui simbolicamente esboçada), a coruja maternal da fábula é, todavia, evocada (v. pp. 132-134) por associação mental com a efetiva presença de uma coruja, cujo arrepiante piar na escuridão acompanha permanentemente o protagonista na sua procura pela mãe, como já antes mencionámos.

Registem-se, ainda, as referências intertextuais de tipo homoautoral, que, a considerarmos a totalidade da produção literária de António Mota como um macrotexto, se traduzem, neste caso, na retoma ou antecipação de personagens e lugares de outros livros, de que são exemplos o topónimo Pedrinha do Sol (v. *Histórias da Pedrinha do Sol*. Lisboa: Texto, 2009) e a personagem do Homem da Boina, o amolador ambulante de facas e tesouras, oriundo da Galiza, cuja

história é em parte recontada em *Filhos de Montepó*, depois de inicialmente ter sido apresentada no conto, de 1986, “A grande viagem do Espanhol Espanholito”⁶⁰. Esta personagem introduz no romance a questão do estrangeiro, o de condição *diferente*, sublinhando, em simultâneo, o isolamento de Montepó, dado que a presença do galego – particularmente apreciada pelas crianças, devido à sua errância, ao idioma diferente e ao uso quer da gaita que anuncia a sua chegada quer de uma estranha traquitana (“o seu carrinho de amolador”, p. 150) – constituía uma quebra na rotina quotidiana de uma comunidade quase parada no tempo.

O Homem da Boina é apenas uma das diversas figuras secundárias que integram uma galeria de personagens marcadas pelo pitoresco – como é habitual na escrita de António Mota. Deste conjunto destaca-se tia Olinda, irmã do pai de Abílio e, tal como a mãe, situável numa esfera feminina da positividade e dos afetos, cujo discurso, por outro lado, permite colocar em evidência o obscurantismo que caracteriza Montepó, assente em credences e numa religiosidade ingénuas. Refira-se também o velho, solitário e algo sinistro tio Paulino, somítico caçador que dá trabalho ao pai de Abílio; Pedro Pirata, o vendedor de azeite com um olho vazado coberto por uma pala de couro, que de algum modo partilha com o galego a condição da errância; e ainda Gabriel, o Tolinho do Rio, com nome de arcanjo, personagem-tipo do *local idiot*, marginal escarnecido pelos habitantes da aldeia, que no entanto a história reabilita, quase no final, pelo seu papel decisivo no apoio à mãe de Abílio ao aproximar-se o momento do parto.

Saliente-se, por último, a figura do avô, que vem enriquecer o núcleo de personagens idosas, detentoras quase sempre de saberes antigos mas valiosos, que povoam os romances e contos de António Mota e com os quais os protagonistas juvenis estabelecem uma relação de proximidade e, em certos casos, de assumida cumplicidade. Neste

60. O conto “A grande viagem do Espanhol Espanholito” (in José Viale Moutinho (coord.), *Sempre*, Porto: Comissão Promotora das Comemorações do XII Aniversário do 25 de Abril, 1986, p. 9) viria a ser reescrito, editado num livro infantil em formato de álbum e reintitulado *A Viagem do Espanholito* (Porto: Gailivro, 2006).

caso, o avô de Abílio, se por um lado representa o conservadorismo (não entende nem perdoa a “fuga” de Sebastião para a grande cidade), por outro lado preenche a vida do neto – que concluíra a escola primária, não tendo prosseguido estudos e trabalhando precocemente na terra – não só com um conhecimento da vida e conselhos positivos, enraizados na experiência, mas também com um imaginário maravilhoso e poético, de raiz rural, corporizado nas histórias que conta (veja-se, a pp. 136-138, a passagem em que o velho descreve, com um grão de sensual malícia, a sua relação com as bruxas).

É este mesmo avô que lembra: “– Nunca te esqueças, menino: o caminho é sempre em frente!” (p. 159). E por isso, tentando quebrar o cerco da pobreza e do obscurantismo, Abílio declara: “Quero partir, quero ir descobrir mundo, ganhar dinheiro, estudar. Sim, eu quero estudar. O meu padrinho disse-me que há escolas que dão aulas à noite. É isso que vou fazer.” (p. 159)

Numa escrita de comunicabilidade e fluência discursiva dignas de nota, em que a vivacidade do contar, aqui e acolá pontuado por comparações e metáforas simples mas expressivas, alterna com diálogos verosímeis a exibirem um saboroso e rústico coloquialismo de raiz camponesa, recorrendo a um léxico por vezes social e regionalmente marcado, António Mota equilibra o desdobrar da ação com segmentos em clave lírica, sublinhada por anáforas e paralelismos de construção frásica, numa ou noutra passagem mais dorida ou revoltada (como acontece no capítulo 28). E assim propõe ao público adolescente (e, porque não dizê-lo, ao leitor adulto) uma viagem ao passado, indo ao encontro de uma figura representativa da juventude de um certo interior norte eminentemente agrícola. Uma região que, no início dos anos sessenta do século XX, se encontrava à margem dos tímidos benefícios de uma industrialização que, em torno de cidades como Lisboa, Porto ou Setúbal, começava a cavar o fosso entre dois países: o Portugal litoral, mais desenvolvido e escolarizado, e o interior rural, económica e culturalmente atrasado e deprimido.